O JORNAL DO PSTU
Ano X - Edição 278
R$ 2 - De 19 a 25/10/2006

VOTAR NO LULA IMPEDIRÁ A VOLTA DA DIREITA?

BANCÁRIOS SÃO TRAÍDOS POR SUA DIREÇÃO

Página 5

UMA DÉCADA SEM A POESIA DE RENATO RUSSO

Página 10

PALESTINA: AUMENTA PRESSÃO DO IMPERIALISMO SOBRE O HAMAS

Página 11

PÁGINA DOIS

■ **'PROGRESSIVOS 1'** – Apesar de votar 'neutralidade', o PDT-SP e o seu presidente, o Paulinho, da Força Sindical, vão apoiar Alckmin. Tem gente que acha o PDT um partido 'progressivo'...

■ **'PROGRESSIVOS 2'** – Ainda sobre a neutralidade do PDT, o vice de Cristovam Buarque na disputa presidencial, o senador Jefferson Péres (PDT-AM), também declarou apoiar Alckmin.

PRIVILÉGIOS

O publicitário Duda Mendonça, envolvido no inquérito do mensalão por ter recebido R$ 10 milhões do caixa 2 do PT, desfruta do privilégio de ser acusado em companhia de políticos e, assim, ter um tratamento mais brando da Justiça. Duda e sua agência, A2CM, gozam do privilégio no Superior Tribunal de Justiça por terem sido denunciados junto com o ex-governador do Rio de Janeiro Marcello Alencar (PSDB).

PÉROLA

> *"Não me ensinarão a roubar porque eu, por pouco, não vou me sujar. Tudo dependerá de quanto me ofereçam"*

CLODOVIL HERNANDES, deputado federal eleito por São Paulo, em entrevista a um jornal argentino sobre como será sua atuação no parlamento.

ARCANJOS

Depois da crise que se estabeleceu no PFL do Rio de Janeiro após a aliança entre Alckmin e o casal Garotinho, Ottomar Pinto (PSDB), governador eleito por Roraima, justificou a parceria, afirmando: "Garotinho estava ali se oferecendo (...). Depois, política não se faz com anjos, arcanjos, querubins e serafins, mas com todo mundo".

CHARGE / AROEIRA

JOGO DE CENA

Integrantes do PSDB estão preocupados com algumas medidas adotadas pela oposição burguesa no Congresso Nacional. Uma delas é a proposta de reajuste de 16% para os aposentados. Caso Alckmin se eleja, os tucanos temem que a proposta seja aprovada. "Isso não pode ser votado de maneira nenhuma", diz um membro da campanha tucana.

ABUSO

O presidente de Israel, Moshe Katzav, é investigado por abuso sexual. Ao menos duas empregadas da Presidência teriam sido ameaçadas e obrigadas a ter relações sexuais com ele. Segundo a imprensa, Katzav é acusado por oito mulheres.

DE FATO...

O jornalista José Arbex deixou o conselho editorial do jornal "Brasil de Fato". Em uma carta, ele expõe as divergências com a política do jornal de apoiar Lula. "Pedir o voto em Lula, em 2006, é manter as ilusões no mais espetacular e eficaz governo de colaboração de classe instituído na América Latina contemporânea. É um ato de suicídio político", afirma.

JUIZ COMPACTUA COM FRAUDE NA ELEIÇÃO DO SINTERGIA-RJ

Nos dias 23 e 24 de setembro ocorreram as eleições do Sindicato dos Trabalhadores nas Empresas de Energia do Rio de Janeiro e Região (Sintergia). A Chapa 2, de oposição e com ativistas da Conlutas, derrotou a chapa composta por membros da antiga diretoria.

Como os diretores derrotados negaram-se a dar a posse, foi realizada uma assembléia da categoria no dia 3 de outubro, com mais de 150 trabalhadores, que aprovou e proclamou o resultado anunciado pela comissão eleitoral, empossando a nova diretoria.

Mesmo assim, a antiga diretoria tenta anular as eleições. Utiliza para isso uma urna fraudada que permaneceu nas empresas Bauruense e Enesa. A Bauruense é vinculada à lavagem de dinheiro dos dirigentes do PT através de empresas "terceiras" das estatais. A empresa também é investigada por terceirização irregular e improbidade administrativa.

Um dos últimos atos deste teatro foi no dia 5 de outubro, quando o juiz Gustavo Eugenio de Carvalho Maya, da 29ª Vara do Trabalho do Rio de Janeiro, garantiu e legitimou a fraude. O juiz primeiramente decretou "sigilo de justiça em audiência", um absurdo em um processo cujo objeto constitui eleição sindical. Com isso, pretendeu impedir os candidatos da Chapa 2 de ingressar na sala de audiência.

Na seqüência, retirou da sala, com o uso da Polícia Federal, o advogado da comissão eleitoral, Aderson Bussinger. A seguir expulsou o da Chapa 2, José Eduardo, quando este protestava.

O juiz legalizou a fraude, apurando a urna. É necessário que todos os sindicatos comprometidos com a luta dos trabalhadores, independentes dos patrões e dos governos e que defendam a ampla liberdade sindical enviem protestos ao Tribunal Regional do Trabalho - RJ.

VISITE O PORTAL DO PSTU PARA ENVIAR MENSAGENS PARA O JUIZ

LEITOR DO OPINIÃO TEM DESCONTO NA PEÇA 'A MÃE'

Leve o jornal e pague apenas R$ 7

O livro 'A Mãe' é leitura obrigatória e uma das primeiras para os militantes socialistas. Na obra, Máximo Gorki mostra como a combinação da miséria e da repressão das tropas do czar, em 1905, leva uma mãe a despertar para a luta política. O dramaturgo alemão Bertolt Brecht levou o livro de Gorki para o teatro, no texto encenado agora pela Companhia Fábrica, de São Paulo. A montagem do Núcleo II da Companhia faz parte de uma pesquisa que investiga a obra de Brecht e a função social da arte na época atual.

Rua da Consolação, 1263 - São Paulo
Sex/sáb 21h30. dom 20h30. Até 19/11.
100 min. Ingresso sem desconto: R$ 25
VISITE: *www.fabricasaopaulo.com.br*

EXPEDIENTE

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua dos Caciques, 265 - Saúde - São Paulo - SP - CEP 04145-000
Fax: (11) 5581.5776 e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** Diego Cruz, Jeferson Choma, Marisa Carvalho, Wilson H. da Silva, Yara Fernandes **DIAGRAMAÇÃO** Gustavo Sixel e Mônica Biasi **REVISÃO** Marisa Carvalho **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 5581-5576 *assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas*

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua dos Caciques, 265
Saúde - São Paulo (SP)
CEP 04145-000 - (11) 5581-5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br
livraria@pstu.org.br
internacional@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - (82)9903.1709
maceio@pstu.org.br

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013 - Centro (altos Bazar Brasil)
(96) 3224.3499
macapa@pstu.org.br

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093
manaus@pstu.org.br

BAHIA

SALVADOR - R.Fonte do Gravatá, 36, Nazaré (71) 3321-5157
salvador@pstu.org.br
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 Centro
IPIAÚ - Av. Lauro de Freitas, 282, Centro
VITÓRIA DA CONQUISTA
Rua C, Quadra C, 27 - Morada do Bem Querer - Candeias
www.pstu.org.br/conquista

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
CENTRO -Av. Carapinima, 1700, Benfica (82) 254-4727
www.pstufortaleza.org
MARACANAÚ -Rua 1, 229 - Conjunto Jereissati 1
JUAZEIRO DO NORTE - Rua Padre Cicero, 985, Centro

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul - CONIC - Edifício Venâncio V, sala 506
Asa Sul - Brasília - DF
brasilia@pstu.org.br

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

FORMOSA - Av. Valeriano de Castro, nº 231, Centro - (61) 631-7368
GOIÂNIA - R. 70, 715, 1º and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência)
(62) 3224-0616
goiania@pstu.org.br

MARANHÃO

SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550
saoluis@pstu.org.br

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921
Vila Planalto (67) 384-0144
campogrande@pstu.org.br

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736
BETIM - R. Inconfidência, sl 205 Centro
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado - (31) 3352-8724
JUIZ DE FORA juizdefora@pstu.org.br
UBERABA R. Tristão de Castro, 127 - (34) 3312-5629
uberaba@pstu.org.br
UBERLÂNDIA - R. Ipiranga, 62 - Cazeca

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Tv. do Vileta, 2519 - (91) 3226-3377
ICOARACI - R. Pe. Júlio Maria, 403/1 (91) 227-8869 / 247-7058
CAMETÁ - Tv. Maxparijós, 1195, B. Novo
RONDON DO PARÁ - R. Ayrton Senna, 147 (94) 326-3004
SÃO FRANCISCO DO PARÁ - Rod. PA-320, s/nº (ao lado da Câmara) (91) 96172944

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, 1º andar - Centro (83) 241-2368 -
joaopessoa@pstu.org.br

PARANÁ

CURITIBA - R. Alfredo Buffren, 29 sala 4

PERNAMBUCO

RECIFE - Rua Leão Coroado, 20 - Boa Vista - (81) 3222-2549
www.pstu.org.br/pernambuco

PIAUÍ

TERESINA - Rua Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br*
(21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja
DUQUE DE CAXIAS - Rua das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633 / 308 - Centro *niteroi@pstu.org.br*
NOVA FRIBURGO - Rua Guarani, 62 - Cordueira (24) 2533-3522
NOVA IGUAÇU - Rua Cel Carlos de Matos, 45 - Centro *novaiguacu@pstu.org.br*
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411 sala 102 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
SUL FLUMINENSE
sulfluminense@pstu.org.br
BARRA MANSA - Rua Dr Abelardo de Oliveira, 244 Centro (24) 3322-0112
VALENÇA - Pça Visc.do Rio Preto, 362/402, Centro (24) 3352-2312
VOLTA REDONDA - Av. Paulo de Frontim, 128- sala 301 - Bairro Aterrado
NORTE FLUMINENSE
nortefluminense@pstu.org.br

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Dr. Heitor Carrilho, 70 (84) 201-1558
ZONA NORTE - Rua Campo Maior, 16 Centro Comercial do Panatis II

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE *portoalegre@pstu.org.br*
CENTRO - R. General Portinho, 243 (51) 3024-3486 / 3024-3409
ALVORADA - Rua Jovelino de Souza, 233, Parada 46 (51) 9284-8807
BAGÉ - (53) 8402-6689 / 3241-7718
PASSO FUNDO - (54) 9993-7180
RIO GRANDE - (53) 9977-0097
SANTA MARIA - (55) 84061675 / 3223-3807, *santamaria@pstu.org.br*

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 104, Centro (48) 3225-6831
floripa@pstu.org.br
CRICIÚMA - Rua Pasqual Meller, 299, Bairro Universitário, (48) 9102-4696
agapstu@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br*
www.pstusp.org.br
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183 V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL Santo Amaro – Av. João Dias, 1.500 - piso superior
BAURU - Rua Antonio Alves nº6-62 - Centro - (14) 227-0215
bauru@pstu.org.br
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786 (19) 3235-2867 - *campinas@pstu.org.br*
FRANCO DA ROCHA - R. Coronel Domingos Ortiz, 423 - Centro
francodarocha@pstu.org.br
GUARULHOS - *guarulhos@pstu.org.br*
Av. Esperança, 705 casa 2 Vila Progresso (11) 6441-0253
Av. João Veloso, 200 - Cumbica (11) 3436-8887
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro (12) 3953-6122
MOGI DAS CRUZES - Rua Engenheiro Gualberto, 53 - Centro - (11) 4796-8630
PRES. PRUDENTE - R. Dr. Gurgel, 1555 - Vila Sta. Helena - (18) 3221-2032
RIBEIRÃO PRETO - Rua Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos (16) 3637.7242 *ribeiraopreto@pstu.org.br*
SANTO ANDRÉ -Rua Oliveira Lima, 279 sala 5 - 2º andar
SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Mal. Deodoro, 2261 - Centro (11) 4339.7186
saobernardo@pstu.org.br
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
sjc@pstu.org.br
CENTRO - Rua Sebastião Humel, 759 (12) 3941.2845
ZONA SUL - Rua Brumado, 169 - Vale do Sol
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vl. Carvalho (15) 9129.7865 *sorocaba@pstu.org.br*
SUZANO *suzano@pstu.org.br*
TAUBATÉ - Rua D. Chiquinha de Mattos, 142/ sala 113 - Centro

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b
Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530
aracaju@pstu.org.br

EDITORIAL

A 'LUTA' ENTRE OS CANDIDATOS

Os trabalhadores de todo o país deveriam prestar atenção aos fatos ocorridos na recente greve bancária. O circo das eleições gira ao redor da farsa da grande batalha entre o candidato dos pobres (Lula) e o candidato das elites (Alckmin).

Nada melhor do que os fatos de uma greve desta dimensão para mostrar as verdades por trás de máscaras e disfarces. Na greve, como na vida real ignorada pelas eleições, os trabalhadores bancários enfrentaram-se com os patrões banqueiros. Tanto estes trabalhadores como estes patrões têm enorme importância social e política.

Os banqueiros são a maior expressão do capital, o setor mais importante da classe dominante, que detém mais lucros e poder no sistema capitalista. No caso brasileiro, os banqueiros conseguiram os maiores lucros da história nos últimos anos, a partir das maiores taxas de juros do planeta.

Os bancários têm uma grande tradição sindical e política. Seus sindicatos estiveram entre os mais importantes na formação da CUT e do PT. Na montagem do governo Lula, nomes como Luiz Gushiken e Ricardo Berzoini saíram da presidência do Sindicato dos Bancários de São Paulo.

A greve ocorreu em pleno processo eleitoral, começando ainda no primeiro turno e invadindo perigosamente o segundo. Seria de se esperar, caso a farsa eleitoral fosse verdadeira, que a "luta" entre a candidatura dos pobres e a das elites se expressasse, com o governo do PT e a CUT apoiando a greve contra os banqueiros, defendidos por Alckmin.

O que aconteceu foi bem diferente. A patronal estava representada pela Fenaban (que reúne os banqueiros privados, uma parte dos quais apóia Lula, e outra sustenta Alckmin) e pela direção de bancos estatais como BB e CEF (indicada por Lula). Durante a greve, a entidade patronal (com uma parte majoritária pró-Lula) manteve-se unida e intransigente. Mesmo com lucros recordes, persistiram com uma proposta miserável de 3,5% de reajuste salarial.

NADA MELHOR do que uma greve desta dimensão para mostrar as verdades por trás de máscaras e disfarces. Na greve, como na vida real, os trabalhadores bancários enfrentaram-se com os patrões banqueiros.

A direção da Contraf – a burocracia cutista e petista dos bancários – realizou ações que lembraram os pelegos dos velhos tempos, tirando os bancários de São Paulo (estado onde se concentra o maior número de bancários do país) da greve para favorecer os banqueiros e não incomodar a eleição de Lula.

A ideologia do "candidato dos pobres" se desfaz. Lula tem o apoio majoritário da patronal bancária e o tempo todo esteve ao lado dos banqueiros. Seu braço no movimento sindical, a CUT, traiu a greve para ajudar os banqueiros e não prejudicar a reeleição do presidente com uma greve incômoda.

Perante a vida real, como ficariam os argumentos de quem defende o "apoio crítico" a Lula para evitar a volta da direita? Refletindo sobre a greve bancária, podemos concluir: a direita, socialmente representada pelos banqueiros, tem uma posição eleitoral dividida entre Lula e Alckmin, majoritariamente pró-Lula.

Outra conclusão é que, no interior do movimento sindical, quem cumpriu claramente o papel mais importante da direita e dos pelegos clássicos foi a CUT, com muito mais peso que a Força Sindical na categoria.

Por último, o governo Lula manteve-se o tempo todo apoiando os banqueiros, contra os bancários.

No exemplo simples dos bancários, fica claro que não é possível evitar a volta da direita elegendo Lula, porque este faz um governo de direita, que atua como na greve. Um segundo mandato pode ter ainda mais serventia para o grande capital, por ter peso entre os trabalhadores, para tentar convencê-los da necessidade de reformas como a da Previdência e a trabalhista.

Os trabalhadores bancários foram colocados perante a necessidade de construir uma alternativa diferente, em nível sindical, político e eleitoral. Em termos sindicais, a Conlutas esteve todo o tempo apoiando a greve e lutando contra a direção traidora da CUT.

É preciso construir uma nova alternativa de direção nacional para as lutas dos bancários. As discussões já começaram entre os setores que estiveram comprometidos com a greve, pertencentes ou não à Conlutas.

Nas eleições, os bancários não devem apoiar Alckmin, comprometido com os banqueiros. Tampouco Lula, também apoiado pelos banqueiros e pela direção da CUT, que traiu a greve. Nós defendemos que os bancários votem nulo, contra Lula e Alckmin.

Nem mesmo a rejeição às privatizações pode justificar o apoio a Lula. É certo que PSDB e PFL fizeram uma grande maracutaia com a privatização corrupta e fraudulenta das estatais, como a Vale do Rio Doce e a Telebrás. Mas isso não terminou com FHC. Lula continuou a privatização parcial da Petrobras, dos Correios e do Banco do Brasil.

O voto de protesto nestas eleições é o voto nulo. É preciso ampliá-lo, para enfraquecer qualquer futuro governo que tente implementar mais reformas neoliberais.

Nem Lula nem Alckmin!
Vote nulo contra as reformas trabalhista e da Previdência.

CLÁUSULA DE BARREIRA FAVORECE GRANDES LEGENDAS DE ALUGUEL

YARA FERNANDES,
da redação

Uma das grandes preocupações de vários partidos é o que fazer diante da cláusula de barreira, medida que entra em vigor a partir destas eleições. A cláusula é prevista pela Lei dos Partidos Políticos (Lei 9096/95).

Apenas terão pleno funcionamento parlamentar os partidos que obtiverem o mínimo de 5% dos votos para deputado federal no país e 2% em pelo menos nove estados. Os partidos que não cumprirem tais exigências não poderão eleger líderes na Câmara dos Deputados, formar bancadas, participar da composição das mesas e indicar membros para comissões. Também perderão direito à maior parte dos recursos do fundo partidário e da propaganda eleitoral gratuita.

No dia 1º de outubro, apenas sete dos 29 partidos registrados ultrapassaram a cláusula: PT, PSDB, PFL, PMDB, PP, PDT e PSB.

COMBATENDO LEGENDAS DE ALUGUEL?

O principal argumento para implementar a cláusula de barreira é que ela combateria as chamadas 'legendas de aluguel', partidos sem base programática que são usados por políticos para obterem vantagens pessoais da vida parlamentar, como os 'mensalões'.

No entanto, a lei visa apenas perpetuar os mesmos partidos no poder, favorecendo uma lógica bipartidária já existente em outros países. Ao invés de privilegiar a formação de legendas fortes, a cláusula cria grandes *franksteins* políticos, frutos da junção de partidos menores. Ao contrário de combater os mensaleiros, isso apenas cria e fortalece grandes legendas de aluguel, como o PMDB.

AGÊNCIA BRASIL

Renan Calheiros (PMDB-AL), presidente do Senado

O PMDB, o maior partido, é também a maior das legendas de aluguel

Prova concreta é que 35 dos 72 parlamentares envolvidos no escândalo dos sanguessugas e 13 dos 19 mensaleiros estão nos grandes partidos, que cumprem as metas da cláusula.

CLÁUSULA DA DITADURA

A cláusula de barreira não é inédita na legislação brasileira. Em 1950, o Código Eleitoral previa que o partido que não conseguisse fazer um representante no Congresso Nacional ou não alcançasse pelo menos 50 mil votos teria seu registro cancelado.

Nos tempos da ditadura, a regra endureceu. A Constituição de 1967, no artigo 149, inciso VII, estabelecia a extinção dos partidos políticos que não atingissem: a) 10% dos eleitores votantes na última eleição geral para a Câmara dos Deputados, distribuídos em 2/3 dos estados, com o mínimo de 7% em cada um deles; b) 10% de deputados em pelo menos 1/3 dos estados; c) 10% dos senadores. A intenção era evitar a existência de partidos políticos contrários ao regime militar.

Em 1988, a Constituição eliminou qualquer cláusula de barreira. Assim seria até o governo Fernando Henrique resgatar a idéia.

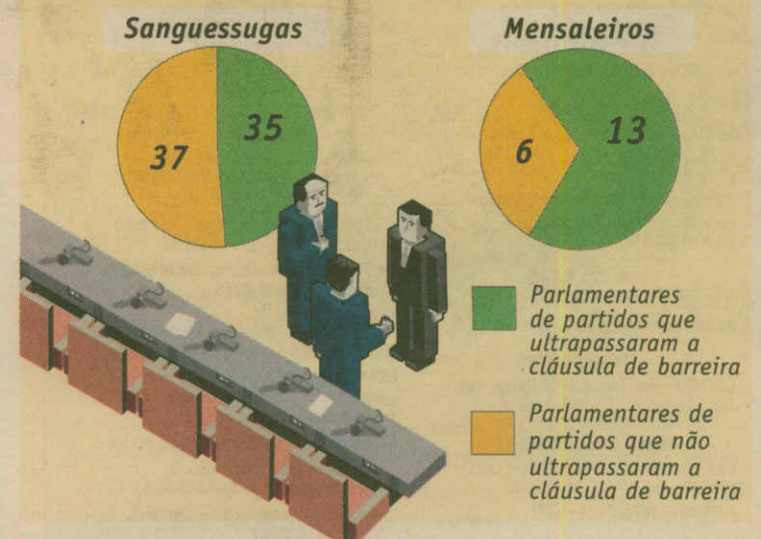
MEDIDA AUTORITÁRIA

Para o **PSTU**, a cláusula é uma medida autoritária, resgatada da lógica da ditadura militar de inviabilizar outros partidos. Na primeira eleição que disputou, em 1982, o PT elegeu somente oito deputados federais, 1,7% das cadeiras da Câmara dos Deputados. Por esta lei, não passaria na cláusula de barreira e não poderia chegar aonde chegou.

A cláusula é algo que torna ainda mais antidemocrática esta 'democracia' dos ricos em que vivemos. Por isso somos contrários a ela.

É também é uma medida que visa impedir o fortalecimento e a aparição de algum partido ideológico como o **PSTU**. Se tivéssemos algum parlamentar eleito, este teria sua ação limitada dentro do Congresso Nacional, pois seria impedido de participar de comissões e CPI's. Apenas os partidos que formem bancadas poderão participar dessas atividades.

Em relação ao horário gratuito, o **PSTU** continuará com o reduzidíssimo tempo de propaganda na TV e no rádio, além das inserções de dois minutos a cada seis meses. Ainda assim denunciamos a medida, pois impede a exposição necessária para o crescimento das legendas, criando um abismo entre os programas de TV.

A redução do repasse do fundo partidário não fará diferença nas finanças do **PSTU** que, ao contrário dos grandes partidos, é mantido por contribuições dos militantes e simpatizantes. Mas é totalmente escandaloso que 99% dos recursos do fundo sejam divididos entre os partidos que cumprem as metas da cláusula. Partidos que na sua grande maioria são financiados pelo dinheiro da corrupção.

EM PERNAMBUCO, PCO VAI AO TRE ATACAR PSTU E SINDICATO DOS CORREIOS

GUILHERME FONSECA,
do Recife (PE)

Recentemente o PCO (Partido da Causa Operária) foi vítima da Justiça e teve sua candidatura a presidente cassada. Imediatamente, o **PSTU** solidarizou-se contra a decisão do TSE porque sabemos que, nesta democracia dos ricos, os partidos dos mensaleiros são privilegiados.

Agora, inacreditavelmente, o PCO utiliza a mesma Justiça de que se diz vítima para atacar a organização sindical dos trabalhadores dos Correios de Pernambuco e o **PSTU**.

No dia 6 de setembro, através do seu candidato ao governo Oswaldo Alves, o PCO solicitou do presidente do Tribunal Regional Eleitoral a abertura de sindicância contra Mauro Botelho, presidente do Sindicato dos Trabalhadores dos Correios (SINTECT-PE) e membro do **PSTU**.

O PCO "denuncia" a utilização do patrimônio do sindicato (carro) a favor de Maria Alves, candidata do PSTU a deputada federal, e conclui a "solicitação" com o seguinte pedido: *"que Mauro Botelho seja julgado dentro da lei eleitoral ou denunciado em fórum competente"*.

O sindicato não deu apoio material à campanha de Maria Alves, diretora do sindicato, justamente por saber dos ataques que a burguesia contra as organizações da classe trabalhadora que não se venderam ao governo Lula e aos patrões.

É lamentável que um partido que se diz defensor da classe operária utilize a mesma Justiça para atacar politicamente uma entidade de classe.

Oswaldo Alves fez parte da diretoria anterior do sindicato e era ligado ao PT. Na sua gestão, em 2004, chamou no boletim do sindicato (sem consultar a categoria) o apoio a João Paulo, prefeito do PT em Recife, e chegou a apoiar o Fome Zero.

Este ataque parte de uma organização que se reivindica da classe trabalhadora e se diz trotskista. Pedimos que as organizações dos trabalhadores e entidades democráticas solidarizem-se com o SINTECT–Pernambuco e enviem mensagens eletrônicas para os endereços: *sintectp@terra.com.br* e *pstupe16@bol.com.br.*

REBELIÃO BANCÁRIA ENFRENTA DIREÇÃO DA CONTRAF/CUT

DESMONTE DA GREVE aponta necessidade de construir nova direção para a categoria

DIEGO CRUZ, da redação, e *ANDRÉ VALUCHE*, de São Paulo

A recente greve nacional dos bancários demonstrou o verdadeiro papel da direção sindical da categoria, ligada à corrente petista *Articulação*. Após ter boicotado o movimento de todas as formas para não prejudicar a reeleição de Lula, a Contraf/CUT (Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro) e a direção do sindicato de São Paulo foram atropeladas por uma verdadeira rebelião de base. Indignados com a intransigência dos banqueiros e do governo, bancários de todo o país aprovaram greve contra suas direções e foram à luta.

Em várias regiões, os trabalhadores recusaram a direção burocrática da Contraf/CUT, aprovaram em assembléia a destituição do Comando Nacional e elegeram representantes de base para conseguir uma real negociação com os banqueiros. As direções, por outro lado, buscaram um acordo rebaixado com a Fenaban (Federação Nacional dos Bancos) para jogar uma pá de cal na paralisação o mais rápido possível, antes da eleição do segundo turno.

O acordo estabelecido com os banqueiros na última rodada de negociações previa 3,5% de reajuste, o que garante apenas 0,63% de reajuste real para os funcionários de um dos ramos mais lucrativos da economia, além de PLR (Participação nos Lucros e Resultados) que não reflete sequer parte da estimativa de aumento de 40% nos lucros dos bancos este ano. No Banco do Brasil e na Caixa Econômica Federal, as propostas ficaram aquém das necessidades dos bancários.

FOTO IVALDO BEZERRA

No Recife, bancários aprovam a manutenção da greve. No alto, cartaz em assembléia de São Paulo

PELEGOS "ALOPRADOS"

A Contraf/CUT "aloprou" geral nesta greve. Mesmo amargando um profundo desgaste na categoria, os dirigentes cutistas tentaram de tudo para acabar com a paralisação. A falta de democracia e a truculência deram o tom.

No Ceará, um festival de manobras tomou conta da assembléia que reuniu quase 600 bancários no dia 10. Os dirigentes da CUT fizeram nove das dez intervenções e criaram um clima de terror contra a base. Os cutistas, de forma escancarada, diziam: *"precisamos ser responsáveis neste momento, pois o que está em jogo não é a nossa campanha salarial. O que está em jogo são os próximos quatro anos. São as nossas vidas. Esta greve não ajuda a campanha de Lula. Quem está favor da greve está com os banqueiros e ajudando a direita"*.

Em São Paulo, a direção do sindicato realizou assembléias no dia 10 e conseguiu acabar com a greve nos bancos privados. A paralisação seguiu entre os trabalhadores do BB e da CEF, apesar da ação do sindicato. Na assembléia da CEF, o presidente do sindicato de São Paulo tentou impedir que os bancários elegessem um representante de base para as negociações, desligou o microfone e se retirou para acabar com a assembléia. Mesmo assim, mais de 70% da assembléia permaneceu no local, dando seqüência à votação. No dia seguinte, véspera do feriado do dia 12, a Contraf/CUT, em conluio com a direção do BB e da CEF, montou uma operação para acabar com a greve. Convocaram gerentes e fura-greves para uma assembléia, mesmo não tendo uma nova proposta e, assim, conseguiram o fim da paralisação na região com a maior concentração de bancários no Brasil.

Sem São Paulo na greve, as capitais e os estados que continuavam parados foram voltando ao trabalho. No dia 13 terminou a paralisação em Porto Alegre (RS), Campo Grande (MS), Belo Horizonte (MG), Florianópolis (SC) e nos estados de Sergipe, Alagoas, Maranhão e Rio de Janeiro, onde a greve prosseguia nos bancos públicos.

CONTRAF/CUT NÃO PODE MAIS FALAR EM NOME DOS BANCÁRIOS!

Mesmo com êxito na operação de desmonte da greve nacional, a direção sindical dos bancários sai deste processo completamente desgastada. Em Alagoas, o presidente do sindicato, emocionado, renunciou à direção da Contraf/CUT e à Comissão de Empresa da CEF, na assembléia do dia 11.

"A traição da Contraf/CUT abre um fosso enorme entre a direção e o movimento, principalmente na CEF e no BB, o que nos permite avançar na construção de uma alternativa nacional", afirma Wilson Ribeiro, bancário da Caixa e integrante do Movimento Nacional de Oposição Bancária/Conlutas.

Durante toda a greve, a oposição e a Conlutas ajudaram na construção de um pólo combativo em defesa do interesses dos bancários. Estiveram na greve, elegendo representantes de base, forçando a realização de assembléias e lutando contra a burocracia da Contraf/CUT. Agora é hora de dar mais um passo na construção de uma nova direção para dirigir as lutas e negociar em nome da categoria, pois a Contraf/CUT não pode mais falar em nome dos bancários!

NOTAS

PELEGOS ALOPRADOS
Na assembléia de São Paulo que debateu se a greve seria de 24 horas ou por tempo indeterminado, o presidente da Contraf/CUT, Vagner Freitas, afirmou que "não iria pautar a continuidade da greve por causa de dois banquinhos". Os banquinhos em questão eram o BB e a Caixa.

VOU DE TÁXI...
Já na assembléia que o sindicato convocou para acabar com a greve, os alopradas pegaram pesado. A turma do Berzoini pagou táxi, van e até estacionamento para os gerentes votarem contra a paralisação.

NÃO TEM NINGUÉM
No Ceará, a direção do sindicato tentou impedir que a oposição apresentasse um abaixo-assinado recolhido na base exigindo uma assembléia. Apagaram as luzes e trancaram a sede para fingir que não havia ninguém. No entanto, os membros da oposição, aproveitando-se da saída dos funcionários, conseguiram "invadir" o próprio sindicato e discutir os rumos da greve.

INDIGNAÇÃO
As assembléias de Maranhão, Salvador, Rio Grande do Norte e Florianópolis aprovaram carta expressando "indignação e profunda decepção com os representantes do Comando Nacional, que têm conduzido a campanha salarial da categoria de forma equivocada e a passos lentos, nunca observados".

NOVIDADE DA GREVE
Apesar do bloqueio e da completa falta de democracia, a novidade ficou por conta das bases que garantiram a greve e elegeram bancários para um comando de base, a fim de participar das negociações. Foram eleitos representantes no Rio Grande do Norte, na Bahia, em Florianópolis e em Bauru (SP). Para as negociações do BB e da CEF, foram eleitos bancários no Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

ALTERNATIVA
No texto de avaliação da greve, o secretário de comunicação do Sindicato dos Bancários do Maranhão, Davi Sá Barros, afirma que "de todos os obstáculos comuns a uma campanha salarial, (...), nenhum foi maior que a alta traição do pseudo-comando nacional dos bancários em 2006. Por tudo isso, proponho aos homens e mulheres de bem para nos empenharmos em montar uma associação, uma federação intersindical ou coisa parecida, de modo que tenhamos um comando que não a Contraf e a Contec (...)".

O QUE ELES DIZEM E O QUE ELES FAZEM

JEFERSON CHOMA, da redação

Os primeiros 15 dias deste segundo turno mostram que aumentou a polarização entre as candidaturas de Lula e Alckmin. Polarização que contrasta com a tranqüilidade do mercado financeiro. Eles sabem que, independentemente de quem seja eleito, o projeto econômico neoliberal vai continuar.

Geraldo Alckmin é o típico representante da direita tradicional. No segundo turno, o tucano tem batido duro nos escândalos de corrupção do governo Lula e tenta passar a imagem de defensor da "ética na política". Uma piada de mau gosto, tendo em vista o "gangsterismo" praticado nos governos do PSDB.

Por mais que se esforce, sua imagem está associada ao governo corrupto e entreguista de Fernando Henrique Cardoso, odiado pela maioria. Concordamos totalmente com os trabalhadores que repudiam a candidatura de direita e antipopular de Alckmin.

Lula, por sua vez, não consegue se defender das acusações e sua reeleição continua ameaçada. Até o momento, o governo "congelou" as investigações sobre a origem do dinheiro que comprou o dossiê contra José Serra. A revelação sobre a origem dos R$ 1,7 milhão poderá significar mais um duro golpe contra sua campanha.

É importante dizer que uma derrota eleitoral do presidente será responsabilidade do próprio Lula, que aprofundou o modelo neoliberal de FHC, aliou-se a partidos e políticos tradicionais da direita, praticou a mesma corrupção e varreu para debaixo do tapete a sujeira tucana.

Tentando ganhar os eleitores de Heloísa Helena, Lula resolveu ir mais à esquerda e assumiu um discurso semelhante ao da campanha de 2002. Passou a criticar as privatizações do governo FHC e a dizer que, se Alckmin for eleito, o que sobrou das estatais será privatizado.

Isso não passa de retórica eleitoral. Apoiado no sentimento de milhares de trabalhadores que temem a volta da direita, Lula quer aumentar a pressão pelo voto útil. Mas os últimos quatro anos mostram que há um enorme abismo entre as palavras do presidente e sua prática.

Dedicamos estas páginas do Opinião para mostrar as mentiras repetidas pelos dois candidatos. Na página 8 e 9 discutimos a importância do voto nulo e polemizamos com os setores que defendem o voto no "mal menor".

COREOGRAFIA ELEITORAL: "TELECATCH" NA TV

No primeiro debate do segundo turno, realizado pela TV Bandeirantes no dia 8, Lula e Alckmin trocaram diversas acusações e tentaram enganar a população com afirmações que estão muito longe de suas práticas. As farpas trocadas assemelham-se ao "telecatch", luta de mentirinha exibida na televisão. Veja algumas dessas afirmações:

POLÍTICA EXTERNA

O QUE DISSE ALCKMIN

"Por trás desse palavrório todo há um presidente fraco. No caso da Bolívia, o exército invadiu a refinaria da Petrobras (...) O presidente precisa defender o interesse do Brasil".

O QUE ELE FEZ

Alckmin e a burguesia brasileira repetem a farsa da defesa dos "interesses nacionais" na Bolívia. Na verdade, estão defendendo interesses e lucros dos acionistas estrangeiros da Petrobras, que querem sugar a principal riqueza do país vizinho. Os trabalhadores brasileiros não podem se deixar enganar pela farsa do "interesse nacional".

A marca da política externa do governo FHC foi o entreguismo. Com ele foram iniciadas as discussões sobre a Alca (Área de Livre Comércio das Américas). O objetivo do acordo é facilitar a entrada dos produtos fabricados nos EUA nos países da América Latina. Se implementada, a Alca vai provocar mais miséria e desemprego e o Brasil vai se transformar numa colônia norte-americana.

O governo do PT seguiu negociando a Alca, defendendo os interesses dos latifundiários brasileiros. Caso vença as eleições, Alckmin vai continuar a política entreguista do seu mestre FHC. Também vai defender os interesses dos acionistas estrangeiros da Petrobras na Bolívia e continuar oprimindo o povo desse país.

O QUE DISSE LULA

"Se Bush tivesse o bom senso que eu tenho, não teria feito a guerra do Iraque.(...) Ele pensava que nem você, Alckmin."

O QUE ELE FEZ

Apesar da crítica, Bush foi recebido no ano passado com tapete vermelho por Lula, que até o convidou para um churrasco. O governo brasileiro é considerado parceiro do imperialismo norte-americano na condução dos planos para o continente.

No Haiti, por exemplo, Lula socorreu Bush enviando soldados brasileiros para ocupar o país. Além de oferecer ajuda "terceirizada" ao imperialismo, as tropas reprimem a população e quem ousa se opor ao governo fantoche haitiano. Os brasileiros repetem o que os soldados norte-americanos fazem no Iraque.

Na América Latina, Lula utiliza seu prestígio como líder popular para assumir o papel de bombeiro diante das revoluções e rebeliões dos povos contra os governos entreguistas, como na Bolívia e no Equador. Tenta preservar a ordem e as instituições do Estado burguês. Não por acaso, Bush e Condoleezza Rice chamam o presidente brasileiro de "amigo".

No debate, Lula disse querer "ajudar a Bolívia", mas a Petrobras atua como uma multinacional, explorando as riquezas bolivianas e ganhando lucros fabulosos para seus acionistas. Isso explica porque a estatal foi um dos principais alvos da luta do povo boliviano pela nacionalização dos hidrocarbonetos. Não é possível alcançar a soberania oprimindo um país menor, repetindo o que o imperialismo norte-americano faz conosco.

ROUBALHEIRA

O QUE DISSE ALCKMIN

"De onde veio o dinheiro sujo, o R$ 1,7 milhão para comprar um dossiê fajuto?"

O QUE ELE FEZ

Lula não respondeu, mas não deixa de ser uma piada que o tucano tente passar a imagem de "campeão da ética". O governo FHC tem uma extensa ficha criminal. Foi com o PSDB no poder que houve a compra de votos para aprovar a emenda da reeleição e a maior roubalheira da história brasileira, as privatizações.

Antes de perguntar a Lula, os tucanos deveriam responder onde foi parar o dinheiro das privatizações. Para onde foram os R$ 3,3 bilhões da venda da Vale do Rio Doce e os R$ 22 bilhões da privatização do sistema Telebrás? Alckmin também não explica o destino dos R$ 71 bilhões arrecadados com as privatizações em São Paulo. Além disso, ele enterrou 69 CPI's que investigariam seu governo. Recentemente a imprensa revelou o desvio de dinheiro das verbas de publicidade estatal para o caixa eleitoral do PSDB paulista. O PSDB aposta na falta de memória do povo para voltar ao governo e roubar mais.

O QUE DISSE LULA

"Quero ser reeleito, porque quando souber [de casos de corrupção], punirei (...) Antes se jogava para debaixo do tapete. Eu não."

O QUE ELE FEZ

Lula acusa o PSDB de ter jogado os escândalos de corrupção para debaixo do tapete, mas desde o primeiro dia de seu governo ele ocultou as maracutaias do governo FHC em nome da "governabilidade".

O resultado é cômico. Agora o presidente tem que agüentar o PSDB se dizendo ético.

Mensalão, vampiros, sanguessugas, compra do dossiê. Estes são alguns escândalos de corrupção que abalaram o governo Lula. Todos envolvendo ministros ou assessores e pessoas muito próximas do presidente, que sempre repete a mentira de que "não sabia de nada".

Lula sabia e é o chefe da quadrilha, como foi FHC no seu governo e Alckmin em São Paulo.

Além de copiar o modelo econômico, o petista também copiou a corrupção dos tucanos e aliou-se a corruptos como Roberto Jefferson, Jader Barbalho, Severino Cavalcanti e Newton Cardoso.

PRIVATIZAÇÕES

O QUE DISSE LULA

"PSDB e PFL privatizaram o país (...) Quando não tiverem mais o que vender, vão fazer o quê? Vender a Amazônia?"

O QUE ELE FEZ

O PSDB realmente privatizou quase tudo, mas o governo petista não ficou atrás. Lula leiloou importantes reservas brasileiras de petróleo - em um dos leilões foram entregues às multinacionais 913 blocos de exploração. Estudos da Petrobras indicam que nessas áreas existem 6,6 bilhões de barris de petróleo a serem explorados, o que corresponde à metade das reservas nacionais comprovadas. O petróleo extraído só poderá ser destinado à exportação, para abastecer o mercado mundial.

Além disso, Lula mantém um gradual processo de privatização da Petrobras e dos Correios (ECT). Na primeira, o Estado ainda possui 55,7% das ações com direito a voto (ações ordinárias), mas já não tem a maioria do capital social. Hoje mais de 60% do capital da Petrobras é privado e praticamente 50% das ações estão em mãos estrangeiras.

Na ECT as medidas preparatórias da privatização são a quebra do monopólio postal público e mudanças na situação funcional e salarial dos trabalhadores.

O governo do PT também aprovou as Parcerias Público-Privadas (PPP's), criadas pelo governo neoliberal inglês nos anos 80. O projeto é o sonho dos empresários, que fazem obras de infra-estrutura pública sem qualquer risco, pois irão receber de qualquer maneira dinheiro público e concessões para administração.

Por fim, Lula não precisa se preocupar se os tucanos venderão a Amazônia. Seu governo já tratou de fazer isso com o projeto Gestor de Florestas Públicas, pelo qual permite que áreas sejam alugadas pelo capital privado para exploração.

O QUE DISSE ALCKMIN

"Não vou privatizar [Petrobras, Caixa Econômica e Banco do Brasil] porque não há necessidade".

O QUE ELE FEZ

O PSDB entregou ao capital estrangeiro 133 estatais, entre elas a Vale do Rio Doce e todo o sistema de telecomunicações, que foi entregue numa grande negociata. O patrimônio da Telebrás é avaliado em mais de R$ 120 bilhões, mas foi vendido por menos de um quinto do seu valor. Só não privatizaram a Caixa Econômica, o Banco do Brasil e a Petrobras porque não tiveram tempo e força necessária. Durante os governos do PSDB em São Paulo, Alckmin desempenhou a função de presidente do Conselho de Desestatização do Estado. As privatizações torraram R$ 71 bilhões do Tesouro estadual entre 1995 e 2002, sem qualquer transparência, o que gerou suspeita de negócios ilícitos.

O tucano privatizou as duas principais estatais, a Empresa de Energia de São Paulo (Eletropaulo) e o Banco do Estado (Banespa), que hoje estão nas mãos do capital estrangeiro. O banco estadual Nossa Caixa deveria ser privatizado este ano, mas o leilão foi suspenso em função da saída de Alckmin. Mas está em curso a privatização do metrô por meio de terceirizações e da implementação das PPP's, que vão transferir a administração para operadoras de transporte privadas. Portanto, o PSDB mente quando diz que não vai privatizar nada.

ELES VÃO ROUBAR NOSSOS DIREITOS

JEFERSON CHOMA e YARA FERNANDES, da redação

Apesar do chumbo trocado entre Lula e Alckmin, longe dos holofotes os dois candidatos possuem um amplo acordo para atacar direitos históricos dos trabalhadores com a reforma sindical e trabalhista. O objetivo é destruir direitos como 13° salário, férias e FGTS.

O plano já está em curso. Parte dele está no Senado com o Supersimples (PLC 100/06). As mudanças previstas pelo projeto contêm duros ataques aos trabalhadores das micro e pequenas empresas.

O artigo 51, por exemplo, desobriga as empresas de procedimentos de fiscalização do cumprimento das obrigações trabalhistas previstas em lei – comunicar a concessão de férias coletivas ao Ministério do Trabalho, anotar férias dos empregados no livro de registros, etc. Também desobriga tais empresas de contratar e matricular aprendizes.

Já o artigo 55 estabelece o princípio da "fiscalização orientadora" para guiar o trabalho da fiscalização. O fiscal não poderá punir o empresário flagrado descumprindo obrigações trabalhistas. Terá de "orientá-lo" a cumprir a lei, o que na prática será um incentivo às irregularidades.

Lula e Alckmin querem ampliar esses ataques a todos os trabalhadores.

CORTES SOCIAIS

Outra briga de mentirinha entre tucanos e petistas foi protagonizada na semana passada.

Um dos coordenadores do programa de governo de Alckmin, o economista Yoshiaki Nakano, declarou que vai cortar despesas – na área social e Previdência, diga-se de passagem - em cerca de 3% do PIB, ou R$ 65 bilhões.

A campanha do PT aproveitou para atacar a proposta tucana, mas no mesmo dia o governo revelou que vai ampliar o mecanismo que permite à União cortar gastos sociais impostos pela Constituição. O ministro do Planejamento, Paulo Bernardo, defendeu a ampliação da DRU (Desvinculação de Recursos da União) de 20% para até 30% e propôs que a CPMF seja permanente.

ANTES O 'GOVERNO EM DISPUTA', AGORA O 'MEDO DA DIREITA'

EDUARDO ALMEIDA, da redação

Está aberta a polêmica ao redor da política para o segundo turno entre os partidos integrantes da Frente de Esquerda, que no primeiro turno fizeram campanha para Heloísa Helena.

O **PSTU** aprovou a defesa do voto nulo em uma conferência nacional do partido. A Executiva do PSOL denunciou tanto Lula como Alckmin e liberou o voto para seus filiados, mas proibiu suas figuras públicas de externar apoio a qualquer um dos candidatos. O PCB fez uma série de exigências a Lula para discutir a possibilidade de um apoio crítico.

Após a definição da direção do PSOL, uma série de diferenças importantes surgiu no interior do partido. Tanto Chico Alencar como Ivan Valente disseram-se favoráveis a fazer exigências a Lula, apontando a possibilidade de apoio crítico. Foram acompanhados por Plínio de Arruda Sampaio, ex-candidato da Frente de Esquerda ao governo de São Paulo.

A declaração mais dura foi feita por Chico de Oliveira, intelectual filiado ao PSOL, que criticou em entrevista ao jornal *Folha de S.Paulo* *"o autoritarismo da senadora Heloísa Helena ao defender a decisão do partido de não apoiar nenhum candidato no segundo turno e proibir que lideranças do partido o façam"*. Disse que cogita votar em Lula para *"ajudar a esquerda do país e do PT a 'forçar a barra' por um segundo mandato 'menos retrógrado'"*.

O intelectual propôs ao PSOL que *"faça uma lista pública de exigências para apoiar a candidatura Lula"*, mas disse não esperar medidas imediatas nem compromisso formal em resposta às condições. *"Se houver declarações taxativamente contra, desqualificando esse tipo de proposta, minha tendência será votar nulo"*, afirmou.

Oliveira está disposto a votar em Lula, mesmo que ele não se comprometa com suas exigências. Basta apenas que o presidente não diga "taxativamente" que está contra as propostas.

As táticas dos governos de frente popular

O marxismo chama de governos de frente popular os que incluem partidos e lideranças reconhecidas dos trabalhadores e da burguesia, como o governo Lula.

Tais governos sempre adotam o programa da burguesia, buscam desmobilizar as lutas dos trabalhadores e inevitavelmente conduzem a derrotas dos trabalhadores e vitórias da burguesia.

O que varia é a forma e o tempo que levam para chegar às derrotas. Estas podem se dar de forma violenta, por meio de golpes de estado (como o caso de Salvador Allende, no Chile, ou de João Goulart, no Brasil) ou por via eleitoral (como os inúmeros casos da social-democracia na Europa). A menos que ocorra uma revolução vitoriosa (como na Rússia de 1917), é inevitável a derrota, por culpa exclusiva da própria direção reformista no governo.

Quem está preparando a derrota do governo do PT no Brasil é o próprio Lula. A manutenção do mesmo plano econômico de Fernando Henrique Cardoso, a corrupção deslavada e a transformação da CUT e da UNE em entidades chapa-branca, com a sabotagem de todas as mobilizações de trabalhadores (como a recente greve dos bancários) e estudantes. Estes elementos permitiram que Alckmin chegasse ao segundo turno e ameaçasse ganhar a eleição. É improvável que o tucano vença agora (porque Lula tirou proveito do crescimento econômico), mas PSDB e PFL podem voltar ao governo nas próximas eleições, por obra e graça do PT.

Os governos de frente popular têm duas ideologias clássicas para justificar o apoio dos setores críticos a sua política. A primeira, em seu início, é o "governo em disputa". A segunda, em seus momentos finais, é a "ameaça da direita". Não existe nada de novo – esses argumentos estiveram presentes em praticamente todos os governos de frente popular da história.

Nos primeiros dois anos do governo Lula, a idéia do "governo em disputa" fez estragos em toda a esquerda petista e cutista. Com a caracterização de que o governo não tinha uma definição clara de classe nem de programa (estava sendo disputado entre os trabalhadores e a burguesia), a esquerda petista aceitava todas as medidas de direita do governo, porque *"era necessário que a esquerda mobilizasse mais que a direita"* para mudar a relação de forças. Essa foi a cobertura para a completa capitulação da esquerda petista e cutista ao governo e para a integração da CUT, da UNE e do MST ao aparato de Estado.

Como a ideologia do "governo em disputa" já não cola mais, depois de todos os escândalos de corrupção e da política pró-imperialista de Lula, agora vem o "medo da direita". *"Está bem, o governo Lula é mesmo corrupto e mantém o neoliberalismo, mas não podemos deixar a direita voltar ao poder"*, dizem.

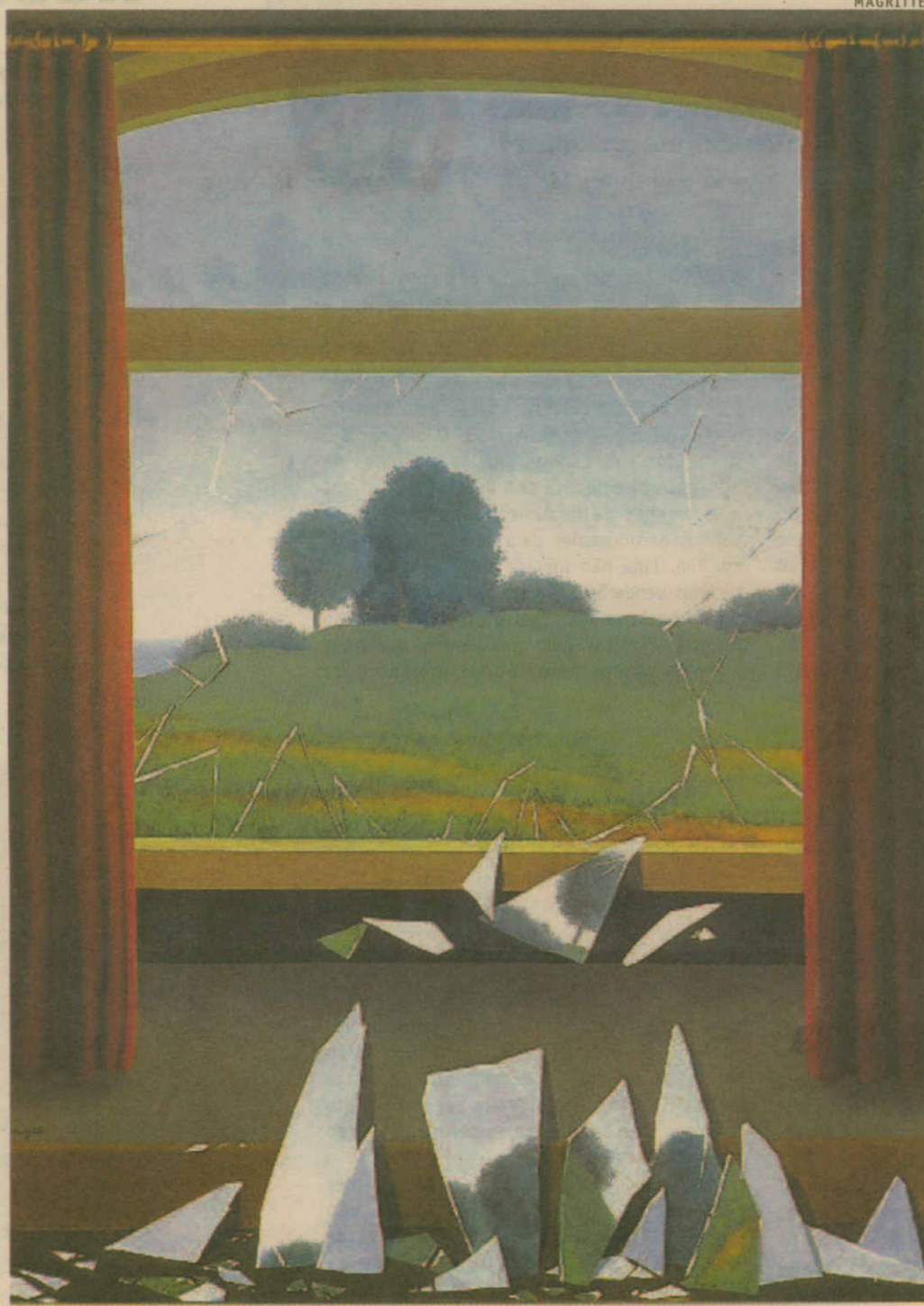
Tanto o "governo em disputa" como o "medo da direita" levam ao mesmo resultado: deixar de construir uma alternativa independente dos governos de frente popular. Em ambos os casos, a derrota causada por esses governos vai se estender a todos os trabalhadores e à esquerda, ampliando o ceticismo e a dispersão.

MAGRITTE

Os setores críticos da vanguarda e das massas que fizeram experiência com o governo Lula não podem evitar a volta da direita porque não podem mudar a política do governo Lula, que causará essa derrota hoje ou no futuro.

Por outro lado, ao aprofundar o modelo neoliberal do PSDB-PFL e aliar-se a tradicionais setores da burguesia, como Sarney e Blairo Maggi, o "rei da soja", o governo Lula não pode ser um governo de esquerda, mas de direita.

O que será decidido é se haverá uma alternativa aos dois blocos burgueses de Lula e Alckmin, ou se a saída é aceitar mais uma vez o jogo do PT e de Lula, como nos tempos do "governo em disputa".

MAGRITTE

A importância da candidatura da frente

Não estamos fazendo esta discussão em qualquer momento. Houve uma evolução muito importante da realidade. Não existem agora apenas os blocos do governo e da oposição burguesa.

No primeiro turno surgiu com a campanha da Frente de Esquerda um terceiro bloco, uma alternativa que, mesmo sem recursos e com pouquíssimo tempo de TV, teve 6,85% dos votos válidos. Quase sete milhões de pessoas votaram contra Lula e Alckmin, por uma alternativa de esquerda. Depois disso, apoiar Lula é retroceder e desconhecer o que fizemos.

Não estamos fazendo apologia do voto nulo em todos os momentos. Este recurso só é válido quando as massas já superaram a democracia burguesa (o que ocorre em grandes ascensos revolucionários), ou quando não existem alternativas dos trabalhadores.

Achamos que foi um grave erro a defesa do voto nulo por alguns setores reduzidos de ultra-esquerda no primeiro turno, quando existia a alternativa da Frente de Esquerda.

Tivemos e temos muitas diferenças com o PSOL e com Heloísa Helena. Mas, inegavelmente, a constituição da frente foi um passo adiante para os trabalhadores, que possibilitou uma alternativa perante os dois blocos burgueses.

No segundo turno é completamente diferente. Não existe nenhuma alternativa para os trabalhadores. Tanto Lula como Alckmin defendem o mesmo programa e são apoiados pelo imperialismo e pela grande burguesia. A farsa do candidato do povo contra o candidato das elites desfaz-se quando vemos uma parte importante dos grandes bancos e Bush apoiando Lula. Qualquer um deles vai aplicar um ataque brutal aos trabalhadores, com uma segunda leva de reformas neoliberais, muito mais duras do que a primeira.

O voto nulo, neste caso, não é um voto perdido. Se houvesse um voto nulo massivo, qualquer um governo eleito já começaria enfraquecido, fortalecendo a luta contra as reformas.

Mesmo que o "medo da direita" predomine nas massas, diminuindo o voto nulo, é fundamental manter a vanguarda que lutou na Frente de Esquerda unida ao redor dessa proposta, e disputar os quase sete milhões que votaram em Heloísa para ela. Isso fortalecerá a luta contra Lula ou Alckmin. O contrário, uma votação ampla em qualquer um desses candidatos, fortalecerá seus governos para aplicar as reformas neoliberais.

Apoiar Lula é desconhecer a importância da Frente de Esquerda e da candidatura de Heloísa Helena

MALEVITCH

A "tática" das exigências

E a tática das exigências defendida por Chico de Oliveira e pela maioria dos deputados federais eleitos pelo PSOL?

Nós do **PSTU** não tivemos acordo com a Executiva do PSOL ao "liberar" o voto de seus afiliados, sem afirmar com clareza a defesa do voto nulo. Mas bem pior é a posição dos outros setores. Infelizmente Plínio de Arruda Sampaio, que respeitamos muito por ter realizado uma campanha bem à esquerda, assumiu a mesma postura.

A tática de exigências e denúncias é uma arma importante para que os trabalhadores façam suas próprias experiências com uma direção reformista como a de Lula. É feita uma proposta para o governo em que as massas acreditam e, caso se recuse, os trabalhadores chegarão à conclusão de que ele não defende seus interesses. Caso tenha acordo, seria uma vitória dos trabalhadores.

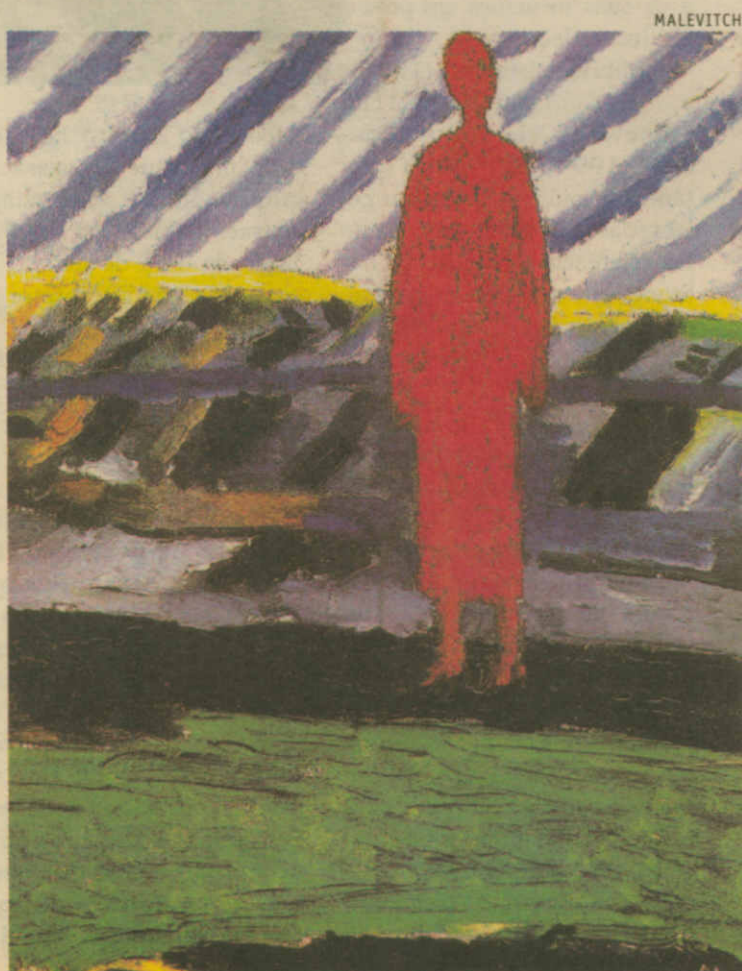
Essa tática pode ser utilizada contra o governo Lula diante de uma questão específica, mas não no caso de um apoio eleitoral. Os companheiros não levam em consideração que houve a experiência do primeiro governo Lula, com todas as medidas neoliberais que desmentem categoricamente qualquer uma das "exigências". Vamos exigir que Lula comprometa-se a não fazer as reformas, que já estão negociadas com o grande capital? Na prática, isso é alimentar as ilusões entre os trabalhadores.

Existe uma possibilidade ainda pior. Os companheiros fizeram exigências a Lula. Não é preciso ser nenhum profeta para saber que o presidente não vai concordar com elas.

Os companheiros vão então defender clara e abertamente o voto nulo? Como o segundo turno tem uma curta campanha, é necessário que tenham uma definição rápida, se quiserem participar da luta política em curso.

Ou as exigências são uma forma envergonhada de "apoio crítico"? Vai prevalecer a posição de Chico Oliveira que, mesmo sem resposta positiva, vai votar em Lula?

Aliás, o intelectual conseguiu juntar o "medo da direita" com o "governo em disputa", propondo "ajudar a esquerda a pressionar por mudanças num eventual segundo mandato, principalmente na área social".

Nós propusemos às direções do PSOL e do PCB uma reunião das direções dos três partidos para definir uma posição comum em relação ao segundo turno. Defender o voto nulo juntos seria uma continuidade da batalha que demos com a Frente de Esquerda no primeiro turno. Por isso, esperamos que os companheiros revejam suas posições para que possamos defender em cojnunto o voto nulo.

RENATO RUSSO E O TEMPO QUE NÃO FOI PERDIDO

WILSON H. DA SILVA, *da redação*

Ele nasceu Renato Manfredini Júnior, em 27 de março de 1960, mas se tornou famoso com um sobrenome inspirado no poeta e filósofo iluminista Jean-Jacques Rousseau, no filósofo racionalista inglês Bertrand Russell e no pintor pós-impressionista francês Henri Rousseau.

Assim era Renato Russo: uma salada de referências e homenagens bastante exemplar do ecletismo que marcou a vida e a obra de um sujeito que não via barreiras entre poesia e filosofia, entre arte e a própria vida.

Autor de letras complexas, muitas vezes "quilométricas", mas inesquecíveis, e dotado de posturas irreverentes, tanto no palco quanto na vida, Renato Russo incorporou como poucos o papel de "menestrel" de um mundo onde desilusões e esperanças colidem verso após verso. Um mundo onde o desejo de liberdade e a certeza da impossibilidade de sua satisfação no sistema em que vivemos convivem em luta permanente. Uma luta que, nos versos e na voz de Renato, às vezes brotou como grito de guerra, noutras como denúncia afiada e, em outras tantas, como doloroso lamento.

O TROVADOR SOLITÁRIO

Quando estourou na mídia, juntamente com a Legião Urbana, em meados dos anos 80, Renato era uma expressão meio tresloucada das contradições que rondavam o país e o mundo naquele momento. Mas sua história tinha começado a ser escrita anos antes. Proveniente de uma família de classe média, o músico já tinha passado por uma série de experiências pessoais e artísticas que moldaram sua personalidade e criatividade: entre 7 e 10 anos, viveu em Nova York; aos 13, mudou-se para Brasília; dos 15 aos 17, conviveu com uma doença óssea que o manteve preso à cama e, conseqüentemente, aos livros e à música.

Nesse período, apresentando-se como "Trovador Solitário", Renato compôs futuros sucessos como "Faroeste Caboclo" e montou a banda Aborto Elétrico (1978-1982), de onde surgiram bandas como Capital Inicial e a Legião.

Os quatro primeiros discos da Legião não só são marcas registradas daquele período, como também explicam o fenômeno.

Poucos artistas conseguiram, de forma tão ampla e complexa, levar para a arte os sentimentos controversos que abalaram o Brasil durante aqueles anos. Afinal, havíamos acabado de derrubar uma ditadura, mas suas marcas e mazelas continuavam por todos os cantos da sociedade; vivíamos a esperança da construção de um novo país, confrontados diariamente com as mais nefastas negociatas; desejávamos abraçar a liberdade sexual e, repentinamente, nos víamos cercados pelo medo da Aids.

MUDARAM AS ESTAÇÕES E NADA MUDOU

Quando o álbum "Legião Urbana" foi lançado, em 1985, muito daquilo que os jovens (e, inclusive, não tão jovens, que haviam militado no decorrer dos anos 70 e 80) da época tinham engasgado em suas gargantas ou sufocado em seus peitos ganhou voz e vida nos versos de músicas como "Geração Coca Cola", "Será", "Ainda é cedo", "Por enquanto" ou "Baader-Meinhof Blues".

Algo semelhante aconteceu em "Dois", lançado em 1986. Para os mais politizados, não deixava de ser emocionante ouvir, logo na primeira faixa do vinil, um trecho de "Será" (*Será só imaginação? Será que nada vai acontecer? Será que é tudo isso em vão? Será que vamos conseguir vencer?*) mesclado com os ruídos de um rádio tocando "A Internacional".

Também causaram comoção a primeira menção feita por Renato à homossexualidade (em "Daniel na Cova dos Leões"), a tresloucada história de amor de "Eduardo e Mônica" e a quase desesperada "Tempo Perdido".

Do mesmo período, vale lembrar da coletânea "Que País É Este". Lançado em 1987, o LP reunia músicas desde 1978 (sete delas do antigo Aborto Elétrico), duas que entraram definitivamente para a história da música brasileira: "Faroeste caboclo" e a mirabolante e quilométrica história de João de Santo Cristo, contada num estilo que o próprio Renato definia como uma mescla de Raul Seixas e cordel; e "Que país é este", transformada, desde sempre, em hino contra as muitas maracutaias feitas pelos mandatários do poder desde então.

Em 1989, o lançamento de "As Quatro Estações" foi marcado, além dos mega-sucessos, pelo fato de Renato levar multidões a cantar, juntamente com ele, que gostava de "Meninos e Meninas", música que o cantor usou para assumir sua própria homossexualidade. Sobre isso ele declarou: *"Eu estava precisando me assumir há muito tempo (...) mas fica aquela coisa, filho de católico, 'você é doente', etc. No meio do caminho, eu já estava pensando: pô, eu sou um cara tão legal, eu não posso ser doente. (...) Eu sempre gostei de meninos - eu gosto de meninas também -, mas eu gosto de meninos. Como é que não é natural? Se eu sou assim desde os quatro anos, então sou doente, pervertido... ah, não!"*.

Vitimado pelas contradições de seu tempo, pouco depois, em 1990, Renato Russo declarou ser portador do vírus HIV e, como muita gente naquela época, atravessou um verdadeiro martírio público, motivado pelo preconceito, pela falta de medicamentos e pelo isolamento, até sua morte, em 11 de outubro de 1996.

Ainda com a Legião, Renato lançou "V", em 1991. Nele destaca-se "Metal contra as nuvens", belíssima música de 11 minutos e meio que é um desabafo frente aos descalabros trazidos por Fernando Collor.

Outros álbuns são "Música para acampamentos" (1992, coletânea ao vivo), "O descobrimento do Brasil" (1993) e "A tempestade ou o livro dos dias" (1996). Nesse período a relação da banda não foi exatamente das mais calmas, muito por conta, inclusive, da difícil personalidade do próprio Renato e de suas incursões em polêmicos discos solo, como "Equilíbrio Distante" (1995) e, particularmente, "The Stonewall Celebration Concert" (1994). Este é uma coletânea de músicas feitas ou celebradas por gays, cujo título faz referência à rebelião no bar Stonewall, que deu origem ao movimento GLBT em 1969.

SERÁ QUE FOI TUDO ISSO EM VÃO?

Dez anos depois de sua morte, Renato continua também emblemático de uma das facetas mais revoltantes do "contraditório" mundo sobre o qual ele desejou cantar e falar: a apropriação mercadológica de tudo e qualquer coisa.

Em nome da satisfação permanente de uma legião de fãs, desde 1996 as produtoras têm se desdobrado para retroalimentar o mito e o mercado. Não faltou nada: coletâneas especiais, versões acústicas, registros inéditos de shows, letras perdidas, regravações do Aborto Elétrico e tudo mais que se possa imaginar, não faltando o apelo sensacionalista e a mediocrização da obra de Renato Russo, através de intérpretes para lá de questionáveis.

Que o mercado atue dessa forma, contudo, não é o mais importante. Afinal, este é o seu papel e é contra isso que, também, lutamos.

Dez anos depois, o que realmente importa ao lembrarmos de Renato Russo é o fato de ele ter conseguido embalar diferentes gerações de jovens que, com suas letras, conseguiram dar voz a suas próprias angústias, cantar seus medos, gritar por seus desejos, verbalizar suas verdades, versar sobre sua vontade de mudar o mundo, chorar por seus amores e rir com a certeza de que nada foi em vão.

CRESCE PRESSÃO PARA QUE O HAMAS ABAIXE A CABEÇA

CECÍLIA TOLEDO, da revista **Marxismo Vivo**

O cerco em torno ao Hamas para que reconheça o Estado de Israel está se fechando e em todos os âmbitos: político, militar e financeiro. Desde que venceu as eleições no início do ano e passou a dominar o Parlamento da Autoridade Nacional Palestina (ANP), o Hamas vem sendo pressionado a formar um governo de coalizão com o partido Al Fatah, de Mahmoud Abbas. Mas não qualquer governo. Um governo destinado a reconhecer o Estado de Israel e aceitar as propostas do imperialismo, representado aqui por um quarteto: EUA, ONU, União Européia e Rússia.

Esse quarteto considera o Hamas um grupo terrorista. Mas isso não é novidade, já que o imperialismo considera terrorista todo e qualquer grupo ou indivíduo que se oponha à sua política de dominação do Oriente Médio. O problema é que o Hamas prega em sua carta de fundação a destruição de Israel. A enxurrada de votos que recebeu deve-se justamente a isso, ao desejo do povo palestino de se ver livre de Israel para poder retomar sua terra usurpada pelo Estado sionista.

ACORDOS DE OSLO

A pressão política chegou ao ponto mais alto na última semana, quando Abbas anunciou na Assembléia Geral da ONU, em Nova York, que estaria formando um governo de união nacional com o Hamas para reconhecer o Estado de Israel. No dia seguinte, o líder do Hamas, Ismail Haniyeh, desmentiu: *"não vou entrar em nenhum governo que reconheça Israel"*. Foi reforçado pelo ministro das Relações Exteriores, Mahmoud al Zahar: *"Isso é uma receita para a guerra civil. Os palestinos não aceitarão que confisquem suas crenças"*.

Em bom português, se o Hamas baixa a guarda e aceita um acordo com o Fatah, reconhecendo inclusive o Estado de Israel, corre o risco de perder o apoio que o sustenta e que até agora vem impedindo que uma nova Intifada incendeie a Palestina.

A pressão política soma-se às pressões militares e econômicas para desestabilizar o governo. Desde a vitória do Hamas, a tática imperialista foi estrangular financeiramente a ANP, cortando a ajuda financeira.

Cerca de 165 mil funcionários civis do Hamas estão sem receber os salários desde março e a ANP não tem como continuar governando. Além disso, todo dinheiro que a Síria e o Irã tentam enviar para o Hamas vem sendo desviado por Israel. O exército israelense acaba de confiscar US$ 1,5 milhão enviado à Palestina, alegando que ia para grupos extremistas.

Enquanto tenta inviabilizar economicamente a Palestina e desestabilizar o governo, o imperialismo e Israel vêm promovendo um verdadeiro massacre, com emboscadas e assassinatos diários de líderes e militantes do Hamas.

Mahmoud Abbas, da Al Fatah, e Ismail Haniyeh, do Hamas

PALESTINOS NÃO ACEITAM ACORDO

O objetivo do imperialismo é dobrar ou destruir o Hamas para que o Fatah e Abbas, homem de sua confiança, voltem a dominar os territórios palestinos, como fazem há 11 anos. Com isso, o plano da Liga Árabe, que prevê a saída de Israel dos territórios ocupados em 1967 e o reconhecimento do Estado israelense pelos palestinos, poderia ser implantado.

Fatah e Abbas desejam reverter a derrota sofrida nas eleições de janeiro, em que ficou clara a crise profunda da Al Fatah, que por várias décadas foi a direção indiscutível dos palestinos. Sua crise e decadência são resultado de um longo processo de abandono e traição de suas históricas bandeiras de luta, como o combate por uma Palestina unificada laica, democrática e não racista, que foram jogadas no lixo após a adesão do Fatah aos acordos de Oslo, em 1993.

Mas os palestinos não aceitam ter de volta apenas uma parte de seu território. Querem o território integral, e isso é o que vem impedindo o Hamas de aceitar a formação de um governo de coalizão com o Fatah. Caso o Hamas aceite o acordo, seu destino seria a mesma decadência que tomou conta do Fatah a partir de 1993.

Nas últimas semanas, os conflitos atingiram seu ponto máximo com confrontos violentos entre militantes do Hamas e do Fatah, que deixaram 12 mortos e mais de 100 feridos.

Os confrontos não ocorrem apenas entre Hamas e Fatah. No final da semana, centenas de palestinos entraram em confronto com militares e policiais israelenses que estavam bloqueando sua entrada na mais importante mesquita, a Al Aqsa. Os palestinos queriam entrar para participar das cerimônias do mês sagrado, o Ramadã, mas, pelas normas israelenses, apenas os palestinos com mais de 45 anos podem ter acesso à Esplanada das Mesquitas. Os jovens, maiores suspeitos de "terrorismo", são perseguidos e marginalizados por Israel.

AS SOLUÇÕES PROPOSTAS

As ações genocidas de Israel mantêm uma guerra permanente na região. Qual a solução para isso? A rigor, existem três posições diferentes. A mais generalizada é de **dois povos, dois Estados**, um judeu e outro palestino, no mesmo sentido da resolução da ONU de 1947, que dividiu o território palestino e criou Israel.

A partir dos Acordos de Oslo houve uma pressão muito forte para que os palestinos aceitassem essa solução. A traição da OLP, sob a direção de Arafat, permitiu a criação da Autoridade Nacional Palestina, que legitimava Israel e colocava a tarefa impossível de construir, em territórios isolados, um inviável "Estado palestino", totalmente dominado por Israel.

Após 15 anos dos Acordos de Oslo e diante do evidente fracasso dessa política, alguns de seus partidários na esquerda começaram a vê-la como cada vez mais inviável pela própria ação de Israel, que se apropria de mais terras e expulsa e reprime os palestinos. O Muro da Vergonha e o roubo de mais da metade das terras da Cisjordânia e das fontes de água tornaram inviável até o "mini-Estado palestino" previsto por Oslo.

A segunda proposta é a construção de um Estado binacional de tipo federativo. Esta posição foi praticamente esquecida nos dias de hoje, mas foi levantada em seu momento pelas correntes da esquerda sionista como Hashomer Hatzair. Além de apresentar os mesmos problemas dos "dois Estados", agrega o fato de que o sionismo não aceitará jamais dar direitos de cidadania aos palestinos, pois temem o "perigo demográfico" de incorporar mais de três milhões de "não-judeus".

O que tudo isso demonstrou à exaustão é que não haverá paz no Oriente Médio nem uma verdadeira solução na Palestina enquanto o Estado de Israel não for destruído. Essa tarefa histórica está colocada agora, após a derrota das tropas sionistas no Líbano, na medida em que uma luta política e militar unificada seja desenvolvida, não somente pelo povo palestino, mas pelo conjunto das massas árabes e muçulmanas.

A destruição de Israel permitirá a recuperação do território histórico palestino e a construção de uma Palestina laica, democrática e não racista, bandeira da OLP durante a década de 1970.